

VOLTAIRE

FICÇÃO COMPLETA

Tradução do francês (França) por

Alexandre Pinheiro Torres

A. Serra Lopes

David de Carvalho

Fernandes Costa

João Gaspar Simões

João Paulo Monteiro

Jorge Mota

José Carlos Marinho

Traduções complementares de

Helder Guégús



Índice

CRONOLOGIA BIOBIBLIOGRÁFICA	15
---------------------------------------	----

FICÇÃO COMPLETA

O MUNDO TAL COMO ESTÁ	
Visão de Babuco, escrita pelo próprio	37

MÉMNON OU A SABEDORIA HUMANA.	51
---------------------------------------	----

OS DOIS CONSOLADOS	57
------------------------------	----

HISTÓRIA DAS VIAGENS DE SCARMENTADO	
Escrita pelo próprio	59

MICRÓMEGAS	
História filosófica	67

Capítulo I – <i>Viagem de um habitante do mundo da estrela Sírius</i>	
<i>ao planeta Saturno.</i>	67

Capítulo II – <i>Conversa do habitante de Sírius com o de Saturno . . .</i>	69
---	----

Capítulo III – <i>Viagem dos dois habitantes de Sírius e de Saturno . . .</i>	71
---	----

Capítulo IV – <i>Do que lhes aconteceu no globo terrestre.</i>	73
--	----

Capítulo V – <i>Experiências e considerações dos dois viajantes</i>	75
---	----

Capítulo VI – <i>Do que lhes sucedeu com os homens</i>	76
--	----

Capítulo VII – <i>Conversa com os homens</i>	79
--	----

HISTÓRIA DE UM BOM BRÂMANE	83
--------------------------------------	----

O BRANCO E O NEGRO	87
JEANNOT E COLIN	99
CÂNDIDO, OU O OPTIMISMO.	107
Capítulo I – <i>De como Cândido foi criado num formoso castelo</i> <i>e de como foi expulso dele</i>	107
Capítulo II – <i>Do que sucedeu a Cândido no país dos Búlgaros</i>	109
Capítulo III – <i>Do que sucedeu a Cândido no país dos Búlgaros</i>	111
Capítulo IV – <i>De como Cândido encontrou o seu antigo mestre</i> <i>de filosofia, o doutor Pangloss, e do mais que sucedeu</i>	114
Capítulo V – <i>Tempestade, naufrágio, terremoto e do que sucedeu</i> <i>ao doutor Pangloss, a Cândido e ao anabaptista Tiago</i>	117
Capítulo VI – <i>De como se fez um belo auto-de-fé para evitar</i> <i>terremotos; e de como Cândido foi açoitado</i>	119
Capítulo VII – <i>De como uma velha tomou conta de Cândido</i> <i>e de como ele encontrou o objecto que amava</i>	120
Capítulo VIII – <i>História de Cunegundes</i>	122
Capítulo IX – <i>Do que aconteceu a Cunegundes, a Cândido,</i> <i>ao inquisidor-mor e a um judeu</i>	124
Capítulo X – <i>Em que penúria Cândido, Cunegundes e a velha</i> <i>chegam a Cádis e do seu desembarque</i>	126
Capítulo XI – <i>História da velha</i>	128
Capítulo XII – <i>Continuação das desgraças da velha</i>	130
Capítulo XIII – <i>De como Cândido foi obrigado a separar-se</i> <i>da formosa Cunegundes e da velha</i>	133
Capítulo XIV – <i>De como Cândido e Cacambo foram recebidos</i> <i>pelos Jesuítas do Paraguai</i>	135
Capítulo XV – <i>De como Cândido matou o irmão da sua querida</i> <i>Cunegundes</i>	138
Capítulo XVI – <i>Do que sucedeu aos dois viajantes com duas</i> <i>raparigas, dois macacos e os selvagens chamados orelhões</i>	140
Capítulo XVII – <i>Chegada de Cândido e do seu criado ao país</i> <i>do Eldorado, e do que eles aí viram quando chegaram às fronteiras</i> <i>dos orelhões</i>	143
Capítulo XVIII – <i>Do que eles viram no país do Eldorado</i>	147
Capítulo XIX – <i>Do que lhes sucedeu em Suriname e de como</i> <i>Cândido fez conhecimento com Martinho</i>	151
Capítulo XX – <i>Do que sucedeu no mar a Cândido e a Martinho</i>	156

Capítulo XXI – <i>Cândido e Martinho aproximam-se das costas da França e raciocinam</i>	158
Capítulo XXII – <i>Do que sucedeu na França a Cândido e a Martinho</i>	160
Capítulo XXIII – <i>Cândido e Martinho chegam às costas de Inglaterra, e do que eles vêem</i>	169
Capítulo XXIV – <i>De Paquetta e de frei Girofleo</i>	170
Capítulo XXV – <i>Visita a casa do senhor Pococurante, nobre veneziano</i>	174
Capítulo XXVI – <i>De uma ceia que Cândido e Martinho tiveram com seis estrangeiros, e quem eles eram</i>	179
Capítulo XXVII – <i>Viagem de Cândido a Constantinopla</i>	182
Capítulo XXVIII – <i>O que aconteceu a Cândido, a Cunegundes, a Pangloss, a Martinho, etc.</i>	185
Capítulo XXIX – <i>De como Cândido voltou a encontrar Cunegundes e a velha</i>	187
Capítulo XXX – <i>Conclusão</i>	188

O INGÉNUO

História verdadeira extraída dos manuscritos

do Padre Quesnel (1767).	193
Capítulo I – <i>De como o prior de Notre-Dame de la Montagne e a senhora sua irmã se encontram com um hurão</i>	193
Capítulo II – <i>De como o hurão, por nome o Ingénio, é reconhecido pelos seus parentes</i>	198
Capítulo III – <i>De como o hurão, por nome o Ingénio, foi convertido</i>	201
Capítulo IV – <i>Com o Ingénio baptizado</i>	204
Capítulo V – <i>O Ingénio enamorado</i>	206
Capítulo VI – <i>De como o Ingénio vai a casa da namorada e fica furioso</i>	208
Capítulo VII – <i>O Ingénio repele os ingleses</i>	211
Capítulo VIII – <i>O Ingénio vai à corte. Ceia no caminho com uns huguenotes</i>	213
Capítulo IX – <i>Chegada do Ingénio a Versalhes. A sua recepção na corte</i>	215
Capítulo X – <i>O Ingénio encarcerado na Bastilha com um jansenista</i>	218
Capítulo XI – <i>De como o Ingénio cultiva o seu espírito</i>	222
Capítulo XII – <i>O que o Ingénio pensa das peças de teatro</i>	225
Capítulo XIII – <i>A linda Saint-Yves vai a Versalhes</i>	226

Capítulo XIV – <i>Os progressos do espírito do Ingénuo</i>	230
Capítulo XV – <i>A linda Saint-Yves resiste a propostas delicadas</i>	232
Capítulo XVI – <i>A Saint-Yves consulta um jesuíta</i>	234
Capítulo XVII – <i>Sucumbe por virtude</i>	236
Capítulo XVIII – <i>Liberta o namorado e um jansenista</i>	237
Capítulo XIX – <i>O Ingénuo, a linda Saint-Yves e os seus parentes reunidos</i>	240
Capítulo XX – <i>A linda Saint-Yves morre e o mais que adiante se verá</i>	245
 O HOMEM DOS QUARENTA ESCUDOS	251
<i>Desastre do Homem dos Quarenta Escudos</i>	253
<i>Conversa com um Geómetra</i>	255
<i>Aventura com um Carmelita</i>	268
<i>A Audiência do Senhor Tesoureiro-Mor</i>	269
<i>Carta ao Homem dos Quarenta Escudos</i>	271
<i>Novas Dores Provocadas Pelos Novos Sistemas</i>	274
<i>Casamento do Homem dos Quarenta Escudos</i>	277
<i>O Homem dos Quarenta Escudos, Tornado Pai, Discorre sobre os Frades</i>	283
<i>Dos Impostos Pagos ao Estrangeiro</i>	287
<i>Das Proporções</i>	289
<i>Do Mal Venéreo</i>	295
<i>Grande Disputa</i>	300
<i>O Celerado Expulso</i>	302
<i>O Bom Senso do Senhor André</i>	303
<i>De uma Excelente Ceia em Casa do Senhor André</i>	305
 A PRINCESA DA BABILÓNIA	311
Capítulo I	311
Capítulo II	319
Capítulo III	321
Capítulo IV	327
Capítulo V	338
Capítulo VI	342
Capítulo VII	345
Capítulo VIII	347
Capítulo IX	352
Capítulo X	355
Capítulo XI	361

ZADIG OU O DESTINO

(História Oriental)	371
Epístola dedicatória de Zadig à sultana Sherazade	371
<i>A 18 do mês de Schewal, ano 837 da Hégira</i>	371
O Zarolho	372
O Nariz	374
O Cão e o Cavalo	376
O Invejoso	379
Os Generosos	383
O Ministro	384
As Disputas e as Audiências	386
Ciúme	389
A Mulher Espancada	392
A Escravatura	394
A Fogueira	397
A Ceia	399
A Entrevista	402
A Dança	405
Os Olhos Azuis	407
O Bandido	410
O Pescador	413
O Basilisco	416
Os Combates	421
O Eremita	425
Os Enigmas	430

MISCELÂNEA	433
----------------------	-----

AS CARTAS DE AMABED

Traduzidas pelo Abade Tamponet	447
Primeira Carta – <i>De Amabed a Shastasid, Grande Brâmane</i> <i>de Madureia</i>	447
Resposta – <i>de Shastasid</i>	448
Segunda Carta – <i>de Amabed a Shastasid</i>	450
Resposta – <i>de Shastasid</i>	451
Terceira Carta – <i>de Amabed a Shastasid</i>	452
Quarta Carta – <i>de Amabed a Shastasid</i>	453
Primeira Carta – <i>de Adateia a Shastasid</i>	453

Segunda Carta – <i>de Adateia a Shastasid escrita da prisão</i>	
<i>da Inquisição</i>	454
Terceira Carta – <i>de Adateia a Shastasid</i>	456
Quarta Carta – <i>de Adateia a Shastasid</i>	458
Resposta – <i>do brâmane Shastasid às três cartas precedentes</i>	
<i>de Adateia</i>	460
Quinta Carta – <i>de Adateia ao grande brâmane Shastasid</i>	461
Sexta Carta – <i>de Adateia</i>	463
Sétima Carta – <i>de Adateia</i>	464
Primeira Carta – <i>de Amabed a Shastasid, depois do seu cativo</i> . . .	465
Segunda Carta – <i>de Amabed, durante a viagem</i>	466
Terceira Carta – <i>do diário de Amabed</i>	467
Quarta Carta – <i>de Amabed a Shastasid</i>	469
Quinta Carta – <i>de Amabed</i>	470
Sexta Carta – <i>de Amabed, durante a viagem</i>	471
Sétima Carta – <i>de Amabed</i>	472
Oitava Carta – <i>de Amabed</i>	473
Nona Carta – <i>de Amabed</i>	474
Décima Carta – <i>de Amabed</i>	475
Décima Primeira Carta – <i>de Amabed</i>	476
Décima Segunda Carta – <i>de Amabed</i>	477
Décima Terceira Carta – <i>de Amabed</i>	478
Décima Quarta Carta – <i>de Amabed</i>	479
Décima Quinta Carta – <i>de Amabed</i>	481
Décima Sexta Carta – <i>de Amabed</i>	483
Décima Sétima Carta – <i>de Amabed</i>	484
Décima Oitava Carta – <i>de Amabed</i>	485
Décima Nona Carta – <i>de Amabed</i>	486
Vigésima Carta – <i>de Amabed</i>	487
 AVENTURAS DA MEMÓRIA	 489
 SONHO DE PLATÃO	 493
 CARTA DE UM TURCO	
<i>(sobre os faquires e sobre o seu amigo Bababec)</i>	497
 BREVE DIGRESSÃO	 501

AVENTURA INDIANA	503
ELOGIO HISTÓRICO DA RAZÃO	
Pronunciado numa academia da província por M...	505
HISTÓRIA DE JENNI, OU O ATEU E O SÁBIO	513
Capítulo Primeiro	513
Aventura de um Jovem Inglês Chamado Jenni – <i>escrita pelo</i> <i>punho de dona Las Nalgas</i>	514
Capítulo Segundo – <i>Continuação das aventuras do jovem inglês</i> <i>Jenni e das do senhor seu pai, doutor em Teologia, membro</i> <i>da Parlamento e da Academia Real das Ciências</i>	516
Capítulo Terceiro – <i>Resumo da controvérsia dos mas entre o Senhor</i> <i>Freind e don Inigo y Medroso y Comodios y Papalamiendo,</i> <i>bacharel de Salamanca</i>	519
Capítulo Quarto – <i>Regresso a Londres; Jenni começa a corromper-se.</i>	525
Capítulo Quinto – <i>Querem casar Jenni.</i>	529
Capítulo Sexto – <i>Terrível aventura.</i>	532
Capítulo Sétimo – <i>O que aconteceu na América</i>	535
Capítulo Oitavo – <i>Diálogo de Freind e de Birton sobre o ateísmo.</i> . .	542
Capítulo Nono – <i>Sobre o ateísmo</i>	547
Capítulo Décimo – <i>Sobre o ateísmo.</i>	557
Capítulo Décimo Primeiro – <i>Acerca do ateísmo.</i>	561
Capítulo Décimo Segundo – <i>Regresso à Inglaterra: casamento</i> <i>de Jenni</i>	564
O OUVIDO DO CONDE DE CHESTERFIELD	
E O CAPELÃO GOUDMAN	567
Capítulo Primeiro	567
Capítulo Segundo	568
Capítulo Terceiro	570
Capítulo Quarto – <i>Conversa entre o doutor Goudman</i> <i>e o anatomista Sidrac sobre a alma e sobre uma outra coisa</i>	571
Capítulo Quinto	576
Capítulo Sexto	578
Capítulo Sétimo	580
Capítulo Oitavo	582

O TOIRO BRANCO

Traduzido do siríaco pelo senhor Mamaki, intérprete do rei de Inglaterra para as línguas orientais.	585
Capítulo Primeiro – <i>De como a princesa Amásida encontra um boi</i> .	585
Capítulo Segundo – <i>De como o sábio Mambrés, antigo feiticeiro do faraó, reconheceu uma velha, e como foi reconhecido por ela</i>	588
Capítulo Terceiro – <i>De como a bela Amásida teve uma conversa secreta com uma bela serpente</i>	591
Capítulo Quarto – <i>De como quiseram sacrificar o boi e exorcismar a princesa</i>	596
Capítulo Quinto – <i>De como o sábio Mambrés se houve sabiamente</i> .	599
Capítulo Sexto – <i>De como Mambrés encontrou três profetas e lhes deu um bom jantar</i>	603
Capítulo Sétimo – <i>Chega o rei de Tanis. Sua filha e o toiro vão ser sacrificados</i>	606
Capítulo Oitavo – <i>De como a serpente contou histórias à princesa para a consolar</i>	607
Capítulo Nono – <i>De como a serpente não logrou consolá-la</i>	608
Capítulo Décimo – <i>De como se quis cortar a cabeça à princesa, e como não lha cortaram</i>	611
Capítulo Décimo Primeiro – <i>De como a princesa desposou o seu boi</i>	613
 O CARREGADOR ZAROLHO	 615
 COSI-SANCTA, um pequeno mal por um grande bem, novela africana.	 621
CRÉDITOS DA TRADUÇÃO.	627

Mémnon ou a sabedoria humana

Mémnon concebeu um dia o projecto insensato de se tornar perfeitamente sábio. Não há ninguém a quem esta loucura não tenha passado pela cabeça, ao menos uma vez na vida. Mémnon disse de si para consigo: «Para se ser muito sábio, e consequentemente muito feliz, basta que se dominem as paixões; e nada é mais fácil, como é sabido. Antes de mais nada nunca mais hei-de amar nenhuma mulher; pois sempre que vir uma beleza perfeita direi a mim próprio: “Essas faces hão-de um dia ficar cheias de rugas, esses belos olhos ficarão sombreados de vermelho; esse peito redondo ficará chato e descaído; essa bela cabeça ficará calva.” Ora bastará olhá-la agora com os mesmos olhos com que então a veria; e com toda a certeza essa cabeça não me fará perder a minha. Em segundo lugar, hei-de ser sempre sóbrio: por mais tentado que me sinta pela boa mesa, os vinhos capitosos, as sedução da sociedade, bastar-me-á pensar nas consequências dos excessos, a cabeça pesada, indisposições de estômago, a perda da razão, da saúde e do tempo; comerei só quando precisar; terei sempre boa saúde, ideias puras e luminosas. É tudo tão fácil que não há mérito nenhum em consegui-lo.

«Depois», pensava Mémnon, «terei de pensar um pouco na minha fortuna; os meus desejos são moderados; os meus bens estão solidamente colocados na recebedoria-geral das finanças de Nínive; o que tenho basta-me para viver independente, e este é o maior dos bens. Nunca terei a cruel necessidade de pedir favores a ninguém; não invejarei ninguém, e ninguém me invejará. Isto também é fácilimo. Tenhos amigos», continuou ele, «e hei-de conservá-los, pois eles não terão nada a disputar-me. Nunca me zangarei com eles, nem eles comigo. Isto não tem dificuldade nenhuma.»

Depois de ter assim feito o seu planozinho de sabedoria dentro do quarto, Mémnon meteu a cabeça pela janela. Viu duas mulheres a passear sob os plátanos que ficavam em baixo. Uma delas era velha e parecia não pensar em nada. A outra era nova, bonita, e parecia muito preocupada. Suspirava, chorava, e isto ainda lhe dava mais encanto. O nosso sábio sentiu-se comovido, não com a beleza da dama (tinha a certeza de não ser acessível a tais fraquezas) mas com a aflição em que a via. Desceu e dirigiu-se à jovem ninivita com o propósito de a consolar com sabedoria. A bela rapariga contou-lhe com ar ingênuo e comovente todo o mal que lhe fazia um tio que não tinha; com que artifícios lhe estava ele tirando uns bens que nunca possuía, e tudo o que tinha a recear da violência dele. «Pareceis-me um homem tão sensato», disse-lhe ela, «que, se tivésseis a condescendência de vir a minha casa e de examinar os meus assuntos, tenho a certeza de que me poderíeis salvar da triste situação em que me encontro.»

Mémnon não hesitou em segui-la, para examinar sabiamente os seus assuntos e para lhe dar um bom conselho.

A preocupada dama levou-o para um quarto perfumado e mandou-o delicadamente sentar-se junto dela num grande sofá, onde ficaram ambos de perna cruzada um em frente do outro. A dama falava baixando os olhos, dos quais deixava por vezes cair lágrimas, e que ao erguerem-se encontravam sempre o olhar do sábio Mémnon. Falava com uma ternura que redobrava de cada vez que olhavam um para o outro. Mémnon interessou-se profundamente pelos assuntos dela, e sentia-se cada vez com mais vontade de obsequiar uma pessoa tão honesta e tão infeliz. Com o ardor da conversa, deixaram, sem dar por isso, de estar um em frente do outro. As pernas de ambos deixaram de estar cruzadas. Mémnon aconselhou-a tão de perto, e deu-lhe indicações tão ternas, que já nenhum deles era capaz de falar de negócios, e não sabiam bem em que ponto estavam.

No momento em que iam aí chegou o tio, tal como era de esperar: estava armado da cabeça aos pés; e a primeira coisa que disse foi que ia matar, como era justo, o sábio Mémnon e a sobrinha; a última que deixou escapar foi que poderia perdoar a troco de muito dinheiro. Mémnon foi obrigado a dar tudo o que tinha. Nesse tempo tinha-se a sorte de escapar a um sarilho desses por tão pouco dinheiro; ainda não se tinha descoberto a América; e as damas aflitas não eram, nem de longe, tão perigosas como hoje em dia.

Envergonhado e triste, Mémnon voltou para casa, onde encontrou um cartão a convidá-lo para jantar com alguns amigos íntimos. «Se ficar sozinho em casa», pensou ele, «só serei capaz de pensar na minha triste aventura, não conseguirei comer e ficarei doente. Mais vale ir comer uma refeição frugal na companhia dos meus amigos, e a alegria que esta me dará far-me-á esquecer a tolice que fiz esta manhã.» Vai à reunião, e acham-no um bocado triste. Obrigam-no a beber para esquecer as tristezas. «O vinho, quando bebido com moderação, é um óptimo remédio para a alma e para o corpo», pensava o sábio Mémnon; e embriagava-se. Depois de jantar, convidam-no para jogar. Um joguinho entre amigos é um passatempo honesto. Joga, ganham-lhe tudo o que traz na bolsa e quatro vezes mais sob palavra. Surge uma discussão por causa do jogo; exaltam-se os espíritos: um dos amigos íntimos atira-lhe com um copo de dados à cabeça e fura-lhe um olho. O sábio Mémnon é levado a casa, embriagado, sem dinheiro e com um olho a menos.

Consegue curtir um pouco a bebedeira; logo que sente a cabeça em melhor estado, manda o criado ir buscar dinheiro à recebedoria-geral de Nínive, para pagar aos seus amigos íntimos: informam-no de que o seu devedor abriu fraudulentamente falência nessa mesma manhã, o que deixou cem famílias em pânico. Mémnon corre desvairado à corte, com um emplastro num olho e uma petição na mão, para pedir ao rei justiça contra o trapaceiro. No salão depara com diversas damas, todas elas usando, como se nada fosse, arcos de vinte e quatro pés de circunferência. Uma delas, que o conhecia vagamente, olhou-o de lado e exclamou: «Que horror!» Outra que o conhecia mais intimamente disse-lhe: «Boa tarde, senhor Mémnon; mas tenho muito gosto, senhor Mémnon, mesmo muito gosto em vê-lo; a propósito, senhor Mémnon, porque foi que perdeu um olho?» E foi-se embora sem esperar pela resposta. Mémnon escondeu-se a um canto e ficou à espera da melhor altura para se lançar aos pés do monarca. Esse momento chegou finalmente. Beijou três vezes o chão e apresentou a sua petição. Sua Graciosa Majestade recebeu-o muito bem, e deu a petição a um dos sátrapas para que este estudasse o assunto. O sátrapa chama Mémnon à parte e diz-lhe com ar altivo e trocista: «Ó senhor zarolho, está com graça essa de se dirigir directamente ao rei em vez de vir ter comigo; e ainda tem mais graça ousar vir pedir justiça contra um homem falido mas honesto, que eu honro com a minha protecção e que é sobrinho de uma criada de quarto da minha amante.

Esqueça-se deste assunto, amiguinho, se está interessado em ficar com o olho que lhe resta.»

Mémnon, que tinha, pois, nessa manhã, renunciado às mulheres, aos excessos da mesa, ao jogo, às discussões, e sobretudo à corte, fora antes do anoitecer enganado e roubado por uma bela dama, embriagara-se e perdera dinheiro ao jogo, metera-se numa discussão, ficara com um olho a menos, e tinha ido à corte, onde tinham feito troça dele.

Petrificado de espanto e cheio de dor, vem-se embora com o coração destrozado. Quer voltar para casa; encontra uns funcionários a tirarem-lhe os móveis em nome dos seus credores. Fica quase desmaiado à sombra de um plátano; encontra a bela dama dessa manhã a passear com o querido tio, que desatou a rir ao vê-lo com o seu emplastro. Caiu a noite; Mémnon deitou-se num monte de palha ao pé da parede da sua casa. Teve um acesso de febre que o fez adormecer; e em sonhos apareceu-lhe um espírito celeste.

Estava todo resplendente de luz. Tinha seis belas asas, mas não tinha pés, nem cabeça, nem cauda, e não se parecia com nada que ele conhecesse. «Quem és tu?», perguntou-lhe Mémnon. «O teu génio protector», respondeu-lhe o outro. «Então restitui-me o meu olho, a minha saúde, a minha riqueza, a minha sabedoria», pediu-lhe Mémnon. E contou-lhe como tinha perdido tudo isso num só dia. «Ora aí está um género de aventuras que nunca acontece no mundo em que habitamos», disse-lhe o espírito. «E em que mundo habitais vós?», perguntou-lhe o pobre homem. «A minha pátria», respondeu ele, «fica a quinhentos milhões de léguas do Sol, numa pequena estrela ao pé da Sírius, que podes ver daqui.» «Que bela terra!», disse Mémnon: «pois quê, não há lá patifas que enganam um pobre homem, nem amigos íntimos que lhe ganham o seu dinheiro e lhe furam um olho, nem devedores que abrem falência, nem sátrapas que só sabem fazer troça em vez de justiça?» «Não», disse o habitante da estrela, «nada disso. Nunca somos enganados pelas mulheres, porque não as há lá; não temos excessos de mesa, porque não comemos; não temos falências, porque entre nós não há oiro nem prata; não nos podem furar os olhos, porque não temos corpo como o vosso; e os sátrapas nunca nos fazem injustiças, porque na nossa pequena estrela toda a gente é igual.»

Mémnon disse-lhe então: «Mas, Monsenhor, sem mulheres nem jantares, em que é que passais o tempo?» «A velar pelos outros globos

que nos são confiados: e eu venho para te consolar.» «Ai de mim!», respondeu Mémnon, «porque não vieste na noite passada para me impedires de fazer tanta asneira?» «Estava junto de Assan, o teu irmão mais velho», disse o ser celeste. «Tem mais razões para se queixar do que tu. Sua Graciosa Majestade o rei das Índias, em cuja corte ele tinha a honra de estar, mandou-lhe furar os dois olhos por causa de uma pequena indiscrição, e agora está num calabouço, com os pés e as mãos carregados de ferros.» «Olhem que vale de muito», disse Mémnon, «ter um gênio protector na família para que afinal de dois irmãos um seja zarolho, o outro cego, um deitado na palha e o outro na prisão.» «A tua sina há-de melhorar», continuou o animal da estrela. «É certo que hás-de ser sempre zarolho; mas fora disso serás feliz, com a condição de nunca tomares a decisão idiota de seres perfeitamente sábio.» «Então isso é uma coisa impossível de conseguir?», suspirou Mémnon. «Tão impossível», respondeu-lhe o outro, «como ser perfeitamente hábil, perfeitamente forte, perfeitamente poderoso ou perfeitamente feliz. Mesmo nós estamos muito longe disso. Há um globo em que tudo isso existe; mas em todos os outros cem mil milhões de mundos que se encontram dispersos pelo espaço está tudo ordenado gradualmente. Há menos sabedoria e prazer no segundo que no primeiro, e menos no terceiro que no segundo. E assim por diante até ao último, onde toda a gente é completamente doida.» «Receio bem», disse Mémnon, «que o nosso pequeno globo terráqueo seja precisamente esse manicómio do Universo de que fizestes a honra de me falar.» «Não inteiramente», disse o espírito, «mas anda perto: é preciso que cada coisa esteja no seu lugar.» «Ora bem», disse Mémnon, «nesse caso alguns poetas e filósofos que dizem que tudo está bem estão redondamente enganados!» «Têm muita razão», disse o filósofo de lá de cima, «tendo em conta a ordenação do conjunto do Universo.» «Ah, só acreditarei nisso», respondeu o pobre Mémnon, «quando deixar de ser zarolho.»